

# Igreja diz que qualidade dos católicos é mais importante do que quantidade

PAULO PIMENTA

## Identidades religiosas Antônio Marujo

### Investigadores de outras universidades comentam os dados da sondagem da Católica que mostra que Igreja perdeu fiéis

O porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), padre Manuel Morujão, disse ontem que a perda de católicos “é um desafio para a Igreja”, mas sublinhou que o essencial é a qualidade e não a quantidade.

Manuel Morujão comentava os resultados de uma sondagem da Universidade Católica Portuguesa (UCP) que revela que os católicos caíram, nos últimos 12 anos, de 86,9% da população para 79,5%. O mesmo responsável acrescentou: “Todos nós gostaríamos de ver os números crescer”, mas “a quantidade não é fundamental”. E, afirmou, o “mais importante é a qualidade”.

O porta-voz da CEP, cuja assembleia termina hoje em Fátima, afirmou ainda que actualmente “quem é católico é porque quer” e “não por pressões familiares e sociopolíticas”, pois há “maior liberdade”.

Sobre o inquérito, investigadores de outras universidades destacam a sua seriedade. Helena Vilaça, professora de Sociologia na Universidade do Porto, fala da qualidade dos estudos da UCP na área das sondagens políticas e do coordenador do presente estudo, Alfredo Teixeira. A socióloga acrescenta que o Inquérito aos Valores Europeus, de 2008, dá a Portugal 83% de católicos. “Este dá menos”, nota.

Steffen Dix, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, diz que a sociologia religiosa começou em Portugal, na década de 1960, com organismos católicos, para encontrar respostas para a secularização que já se sentia. Por isso, admite, é “sempre ambíguo” saber o que vai a Igreja fazer com este estudo. Mas, diz, este é um trabalho “sociologicamente correcto”.

A tendência revelada deve ser confrontada historicamente, afirma Dix: em 1906, o jornalista católico Gomes dos Santos escrevia que não haveria mais de 10% de portugueses a ir à missa e que em Paris as igrejas estavam mais cheias do que em Lisboa.

Teresa Toldy, do Observatório Polícredos, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, diz que a limitação de inquéritos como este



A diminuição de católicos em Portugal “não é muito expressiva”

é “reduzir a identidade religiosa a questões relacionadas com a prática e o culto”. Seria interessante, diz, ver como os inquiridos se situam perante os debates sociais e culturais.

A investigadora refere a queda do número de católicos, para dizer que “não é muito expressiva”, mas que a Igreja Católica “não pode ser triunfalista” com essa conclusão. E aponta: “A diminuição da prática religiosa não significa deixar de acreditar”.

Helena Vilaça diz o mesmo com outros enfoques: “A diminuição de católicos identitários é semelhante ao processo de desfiliação em curso na Europa, onde as igrejas tradicionais estão a perder membros.” Mas, acrescenta, os dados do estudo mostram a emergência de um mercado de “visões do mundo mais seculares ou mais sacralizadas”.



“A diminuição da prática religiosa não significa deixar de acreditar”, diz Teresa Toldy

Em apoio desta tese, Vilaça cita o facto de os grupos minoritários e os crentes sem religião estarem sobretudo concentrados na região de Lisboa e Vale do Tejo e nas faixas etárias dos 15 aos 34 anos. “As minorias têm maior peso no espaço urbano, estão a competir num espaço que é por excelência da secularização.”

Citando a investigadora inglesa Grace Davie, a socióloga do Porto fala da passagem da obrigação para a liberdade de escolha: o aumento dos católicos observantes e militantes, segundo as categorias do estudo (os que vão à missa pelo menos

uma vez por semana e os que aliam à prática uma actividade em paróquias ou grupos católicos) pode vir a aprofundar-se nos próximos anos, sugere.

Helena Vilaça diz ainda que há uma tendência de “modernidades múltiplas”, como propunha o sociólogo israelita Shmuel Eisenstadt, que morreu há ano e meio: “As modernidades americanas, asiáticas, africanas e latino-americanas são diferentes da modernidade europeia.”

Dix também pensa que este pode ser um movimento a observar: “Os pentecostais crescem na América do Sul, mas já têm dificuldade em penetrar em países como a Alemanha.” E também a categoria dos crentes sem religião deve ser acompanhada: “Tem que se perceber se isso é só a chamada *new age* ou algo mais.”

Toldy retira outra conclusão: “Portugal não é um país secularizado. Pode ser um país materializado, mas não vive ainda o que se vive nos países do Leste, onde a religião deixara de ter presença social relevante.” Ontem mesmo, foi divulgado um estudo da Universidade de Chicago, segundo o qual os países escandinavos e do Leste europeu (exceto a Polónia) são os mais ateus, enquanto as Filipinas, o Chile, Estados Unidos e os países em desenvolvimento são os que mais crêem em Deus.

E sobre o número de pessoas que diz que vão à missa com regularidade (46,7% afirma que o fazem pelo menos uma vez por mês), afirma que a percentagem pode estar inflacionada, com as pessoas a dar uma resposta do que gostariam de fazer e não do que fazem na realidade. Steffen Dix concorda com esta leitura e diz que a missa ainda é, para muitas pessoas, um “acontecimento social”.